

## **Entrelinhas: um podcast sobre mulheres no mundo do futebol<sup>1</sup>**

Lara Teixeira BERNARDES<sup>2</sup>

Ricardo Duarte Gomes da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, MG

### **RESUMO**

As mulheres têm um histórico de impedimentos ao longo do tempo, o futebol não podiam jogar porque era contra a sua natureza, no jornalismo eram direcionadas à editorias que faziam alusão ao papel que elas deveriam empregar na sociedade, domésticas e femininas; na torcida eram objeto de manutenção do ego masculino e na arbitragem são penalizadas com mais veemência. Este artigo foi produzido a partir de conceitos utilizados na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2023, e tem como objetivo dar visibilidade para pautas relacionadas a presença feminina no meio futebolístico, trazendo à tona acontecimentos atuais e discussões do lugar da mulher dentro deste esporte.

**PALAVRAS CHAVE:** Podcast; Presença feminina; Mundo do futebol.

### **INTRODUÇÃO**

Falar que “o Brasil é o país do futebol” pode ser considerado um clichê. Ouvimos essa frase em músicas, em narrações de jogos, coberturas esportivas, ao lermos em livros e reportagens, mas até que ponto ela seria verdadeira? Mas o Brasil sempre foi considerado “o país do futebol” para as mulheres? Com toda certeza não foi, ou pelo menos, não foi completamente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – II04 – Comunicação Audiovisual do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), email: [lara.bernardes@ufv.br](mailto:lara.bernardes@ufv.br)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV – Viçosa, email: [rduarte@ufv.br](mailto:rduarte@ufv.br)

---

O futebol é um meio historicamente masculinizado. As mulheres foram proibidas de praticar o esporte no Brasil por mais de quatro décadas, mas de 1983 até hoje, ainda que o cenário tenha evoluído e as jogadoras tenham mais visibilidade e voz, muitas mudanças ainda precisam ser feitas.

Como diz Broch (2020, p.695), “a historiografia acerca do futebol feminino no Brasil se constrói em meio a muitas lacunas pois reflete a exclusão histórica das mulheres não somente como sujeitos de direitos, mas também como sujeitos históricos”. Dessa forma, o futebol é apenas mais um reflexo da sociedade, assim como são as redações jornalísticas focadas na cobertura esportiva.

O primeiro jornal brasileiro a ser focado exclusivamente na cobertura esportiva foi A Gazeta Esportiva, em 1928, periódico suplementar de A Gazeta. Já no rádio, mídia fundamental para transformar o futebol em um esporte de massa no Brasil, a primeira transmissão de um jogo ocorreu em 1931, na Rádio Educadora Paulista, porém a primeira vez que uma mulher comandou um evento esportivo pelo rádio ocorreu somente 41 anos depois, na voz de Zuleide Ranieri.

Este artigo apresenta parte da pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que teve como objetivo a produção de um podcast narrativo sobre a participação e vivência de mulheres do meio futebolístico, a partir de quatro perspectivas: a mulher jogadora de futebol, a árbitra, a jornalista esportiva e a torcedora; incluindo contextualizações com a atualidade deste esporte.

## **MISOGINIA, PRECONCEITO DE GÊNERO NO ESPORTE E PRESENÇA FEMININA NA MÍDIA**

Até pouco tempo atrás, a mulher não tinha direitos básicos dentro da sociedade, como o voto. A ela era reservado o ambiente familiar e isso se justificava ao dizerem que este era um papel de máxima importância, já que ela seria responsável por construir a sociedade, parindo e educando as crianças. O movimento sufragista veio em busca de mudar esse cenário e incluir as mulheres na vida pública, já que o voto é o primeiro passo para que alguém possa ter voz dentro de uma democracia.

Entretanto, aqueles que eram contrários a esse movimento, utilizavam como argumento que, esta privação de direitos, era um pequeno sacrifício que as mulheres tinham que enfrentar por um bem maior, por recompensas e prestígio social.

---

As sufragistas eram descritas, por aqueles com poder social, como mulheres “da pior espécie”, já que queriam se dignar a um ambiente tão típico da masculinidade. Elas eram pintadas como vulgares, já que segundo esta mentalidade, a única maneira das mulheres habitarem o ambiente político seria através da sexualidade exacerbada. Dessa maneira, atingiam um ponto sensível a fim de desestimular outras senhoras a almejar o voto: a virtude das mulheres. (ANJOS, 2020)

Esse é o papel da misoginia dentro da sociedade em que vivemos: separar as mulheres úteis ao patriarcado, daquelas que causam problemas a ele. Os homens sexistas não desejam viver sem as tarefas domésticas, sociais, sexuais e reprodutivas associadas às mulheres, portanto viver sem elas não é vantajoso. Porém, é importante ressaltar que a manutenção desse tipo de pensamento, faz com que algumas mulheres, que estão na categoria de “boas”, o enxerguem como correto e passem a defendê-lo, já que se veem superiores aos olhos patriarcais.

Se as mulheres mantiverem os olhos em suas casas e naqueles dentro delas, as urnas vão cuidar de si mesmas; se elas mantiverem os olhos nas urnas, as casas não vão cuidar de si mesmas. (...) Sufragistas são a favor da destruição dos lares (FRENIER, 1984, p. 458, *apud*, ANJOS, 2020, p. 408).

O termo misoginia, que vem do grego, é formado pelo prefixo *miseo*, que significa odiar, e pelo sufixo *gyne*, cuja tradução é mulher, dessa maneira expressa a atitude de ódio e desprezo dos homens para com as mulheres. Um dos argumentos mais fortes que sustentavam (e ainda sustentam) esse tipo de pensamento é o argumento cristão da herança de Eva.

A demonização das mulheres deixou uma herança não só religiosa, mas sociocultural, que se mantém até a atualidade com a ideia de que o homem deve negar tudo aquilo que é feminino – já que, na visão cristã, o feminino está ligado ao pecado. “O mito de Eva, portanto, estava se espalhando com toda a sua amarga carga de desprezo pelo gênero feminino” (BOSCH; FERRER; GILI, 1999, p. 11 *apud* ARAÚJO; VENTURA, 2021)

O machismo e a misoginia, impregnados na maneira de pensar da sociedade, fazem com que haja uma binaridade, uma separação entre o que é coisa de homem e o que é coisa de mulher. Ainda que algumas destas sejam muito parecidas: um garoto que

---

vibra, grita, xinga e faz festa ao ver uma partida do seu time do coração é visto como torcedor apaixonado, mas uma garota fã de um cantor famoso que chora, grita, extravasa em um show é vista como histérica e, até, infantil.

Quando se fala, então, das mulheres que adentram ao “mundo masculino”, essa binaridade e separação entre os gêneros é escancarada. Pergunte a qualquer mulher fã de esportes dominados pelos homens, quantas vezes ela já não foi perguntada sobre alguma regra ou sobre a escalação de 1981 do time que torce, por exemplo. Mesmo que a palavra “torcedor” tenha surgido graças às mulheres nas arquibancadas, que torciam seus lenços de nervoso ao assistirem as partidas, a presença delas nesse ambiente ainda é muito questionada.

O esporte, desde sempre, esteve muito ligado a palavras como competição, força, vitalidade e rivalidade, que são fortemente ligadas à masculinidade, logo era difícil conceber a inclusão feminina nesta cultura. Pensamentos como o de que a prática esportiva poderia levar a mulher à esterilidade, por exemplo, criaram grandes barreiras para a participação da mulher no esporte, e isso vem desde as origens do esporte, na Grécia Antiga.

A presença feminina no esporte cresce a passos de formiga. As brasileiras, por exemplo, tiveram sua primeira representante em Los Angeles 1932 - coincidentemente o mesmo ano em que o voto feminino foi conquistado no Brasil - porém só ganharam suas primeiras medalhas 34 anos depois, em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Mesmo com o crescente número de mulheres envolvidas no esporte, é impossível negar que ainda seja um ambiente, predominantemente, masculino. Há mais atletas homens, mais equipes masculinas, mais árbitros, mais técnicos, mais jornalistas, comentaristas, narradores, etc.

Por isso, é importante falar da questão de gênero dentro do esporte, no caso deste trabalho, do futebol, porque o gênero “é uma categoria fundamental na vivência das práticas corporais, no jogo e no lazer, falar sobre questão de gênero na prática esportiva é de suma importância para o desenvolvimento e compreensão do papel feminino no mundo esportivo.”(SCHMITZ FILHO; VALDUGA, 2013, p. 9)

Os valores de feminino e masculino na sociedade são diferentes. Quando crianças, meninos e meninas são apresentados à prática esportiva de maneira diferente. Um grande exemplo que é possível citar são as escolas de futebol de base, em que os garotos são introduzidos desde pequenos às regras e aos treinamentos da modalidade e onde podem se desenvolver, fazer amigos e descobrir um talento, já com pouca idade.

---

Características socialmente pré-estabelecidas funcionam como ferramentas de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, uma vez que posicionam as mulheres de acordo com seus demarcadores sociais (graciosidade, delicadeza, beleza e todos os demais atributos utilizados para caracterizar a "essência feminina"), assim perseverando na mentalidade de que seus corpos não são apropriados para determinadas atividades (SCHMITZ FILHO; VALDUGA, 2013, p.10).

Dessa maneira, a presença da mulher no esporte é uma constante luta de (re)afirmação do potencial feminino, de que elas podem alcançar o êxito e serem bem-sucedidas nas diferentes modalidades. Se fazer presente neste lugar de mulher atleta cria uma nova representação do ser feminino na sociedade e é um caminho importante, porém ainda longo, em busca de equidade de gênero e do fim dos preconceitos.

As mulheres vêm, a cada ano, conquistando seu espaço e sua voz dentro do meio esportivo, aqui em destaque para o futebol. Em 2019, a Copa do Mundo de Futebol Feminino da França mudou completamente o cenário em que a modalidade se encontrava. Pela primeira vez a competição foi transmitida em TV aberta no Brasil e alcançou índices de audiência altíssimos, como o jogo da final entre Estados Unidos e Holanda em que foi registrado que 19,9 milhões de pessoas assistiram à partida pela TV Globo e pelo SporTV. E este número, provavelmente, ainda foi maior, já que os dados oficiais divulgados pela FIFA não incluíram os espectadores da TV Bandeirantes.

Camila Valduga e Antonio Schmitz Filho, no texto “O universo do futebol feminino na cultura brasileira: Considerações a partir de recortes midiáticos” (2012), trazem um contexto descrito por Mourão e Morel (2005), de que o futebol feminino passa por um “efeito sanfona”, porque logo após ganhar destaque dentro das grandes mídias, como foi o caso da Copa de 2019, a popularidade cai drasticamente. Ou seja, só quando acontece um grande evento esportivo ou se uma jogadora está em alta, é que se ouve falar de futebol feminino no Brasil.

Mas nem com todos os obstáculos existentes, e já previamente apresentados neste trabalho, as mulheres deixam de se fazer presentes no espaço futebolístico. Elas estão dentro de campo, jogando ou arbitrando, estão na comissão técnica, na arquibancada, na beira do campo segurando um microfone, ou no estúdio narrando e comentando uma partida. Ocupar estes espaços é mais do que importante, é essencial para confrontar a hegemonia masculina que ainda existe e enfrentar de frente o preconceito.

---

É inegável o avanço alcançado, principalmente pós-Copa, mas o ambiente esportivo ainda pode ser nocivo para a mulher. Seus corpos sempre estarão em pauta, mas de uma maneira diferente da utilizada com os homens. A eles é colocada a questão de alto rendimento e habilidades atléticas, como quando se está acima do peso e não consegue dar seu melhor dentro de campo, mas às mulheres sobram os comentários acerca das formas corporais, beleza e até sensualidade, deixando de lado as experiências como jogadoras.

Outro ponto que chama a atenção é a presença feminina dentro das redações de jornalismo esportivo. Elas, que surgiram no jornalismo antes mesmo de serem consideradas jornalistas, quando escreviam seus manifestos por direitos na imprensa alternativa, ainda hoje tem que lutar e trabalhar muito mais para conquistar o mesmo espaço que um homem. Quando adentraram o ambiente do jornalismo esportivo, principalmente o televisivo, as mulheres eram utilizadas como forma de atrair os olhos do público masculino, este sendo mais um exemplo de como a mídia se utilizou da sexualização feminina para atrair audiência.

Na área esportiva, a mulher enfrentou as mesmas dificuldades que no mercado de trabalho como um todo. O início foi tardio, até a década de 1970 não se encontrava mulheres no jornalismo esportivo. O acesso a essa editoria jornalística se deu gradativamente, assim como o acesso às diversas outras profissões. O aumento de mulheres no jornalismo esportivo também se deu pelo crescimento da mulher no esporte como atleta, atraindo a atenção de outras mulheres que se sentiram representadas, não só nas modalidades esportivas como em todas as áreas que envolvem o esporte, inclusive o jornalismo. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017, p.17)

## **O QUE SÃO OS PODCASTS E PORQUE UTILIZÁ-LOS**

Para a produção do projeto experimental “Entrelinhas”, foi escolhido o podcast, que surgiu em 2004 como uma nova forma de enxergar a produção de conteúdo em áudio. Podcast é uma junção de *Pod*, que é sigla para “Personal on demand”, e *cast*, sufixo de Broadcast, com isso temos transmissão pessoal por demanda, em tradução livre (ARTHUR e SCHOFIELD, 2006 *apud* ASSIS, 2011).

Porém, não se engane se pensar que o podcast ganhou o lugar do rádio tradicional, porque não é bem assim. O rádio faz parte da cultura e é um companheiro em diversas situações do cotidiano, além de ser uma mídia muito democrática, pois alcança aqueles

---

lugares mais ao interior do país, onde as antenas de TV não chegam e a internet é algo desconhecido.

Uma das características básicas do podcast é a atemporalidade, ou seja, é um tipo de mídia que fica disponível para acesso a qualquer hora e quantas vezes desejar. Isso fez com que a ideia dos podcasts fosse considerada inovadora e revolucionária, uma vez que com eles os ouvintes não ficam a mercê do rádio tradicional, não sendo mais obrigados a ouvir a programação que foi formulada para favorecer uma gravadora ou artista (MEDEIROS, p. 3, 2005).

Com a pandemia, um boom de podcasts ocorreu no Brasil e diversos programas estrearam. Atores, atrizes, influenciadores, jornalistas, economistas, professores e diversos outros profissionais embarcaram na onda e se tornaram podcasters, gerando conteúdo recorrente e abordando os mais diferentes assuntos, de fofocas à desmistificação de *fake news*.

A maioria desses novos podcasts ocorrem ao vivo no *Youtube* com imagens, seguem um formato parecido de “mesa redonda”, onde os podcasters recebem o(s) convidado(s) e conversam sobre a vida deles durante um longo período de tempo; essa gravação depois é liberada na própria rede de vídeos e depois *upada* nas plataformas de áudio como *Spotify* e *Deezer*.

Mas, o podcast não possui um formato específico e é uma ferramenta de mídia muito importante para o jornalismo. A Globo, por exemplo, explora bastante os podcasts, utilizando uma temática abordada numa reportagem exibida na TV, ou sobre um assunto político importante e em destaque. O podcast “O Assunto<sup>4</sup>”, por exemplo, já possui mais de 750 episódios no site do G1.

Ainda não existem restrições (censura) ou qualquer tipo de controle quanto ao conteúdo encontrado nos podcast. Essa é uma das características do Podcasting que difere de outros tipos de transmissões sonoras via Internet, na qual o fenômeno atual leva uma certa vantagem em relação aos menos recentes. A única “lei” nesse caso é obedecer sempre à principal idéia de produção sem intermediários: “direto de quem produz para quem consome” (MEDEIROS, p. 3, 2005)

---

<sup>4</sup> O Assunto - G1 Podcasts. Acesso em: 19 de julho de 2022. Link de acesso: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>

---

É possível, então, perceber que o podcast é uma ferramenta excelente para abordar os mais diferentes assuntos e compartilhar pensamentos, cultura e levar entretenimento para o ouvinte através das produções em áudio.

## **PODCASTS E AS MULHERES DO FUTEBOL – DESCREVENDO O PRODUTO PRÁTICO**

Dentro do contexto da produção do jornalismo esportivo, o podcast se tornou uma ferramenta presente nas rotinas das redações. Muito disso se deve ao fácil acesso aos programas e também pela dinamicidade propiciada pelo produto em áudio, já que o ouvinte consegue fazer outras coisas enquanto um episódio está sendo reproduzido, por exemplo.

De acordo com o site *Chartable*<sup>5</sup>, dos 20 podcasts mais ouvidos no Spotify Brasil, 12 tem relação direta com o futebol, seja pela temática principal ser este esporte, ou por seu apresentador ser uma figura do meio, como o “Podcast Denilson Show” e o “Fala, Galvão!”. Também foi possível analisar pelo mesmo site que, entre os 50 podcasts mais ouvidos pelos brasileiros, nenhum deles é focado exclusivamente na cobertura do futebol feminino - nem de qualquer outra modalidade feminina.

Mesmo com recordes de audiência batidos durante a Copa do Mundo Feminina de 2023 - a transmissão da partida da Seleção Brasileira contra a Seleção Panamenha chegou a um milhão de pessoas conectadas simultaneamente na Cazé TV <sup>6</sup> - a produção de podcasts sobre o tema não alcançou grande parte dos consumidores.

O formato que ganhou mais adeptos aqui no Brasil foi o de mesa-redonda. Muitos desses podcasts também são vodcasts (podcasts em vídeo) e são transmitidos ao vivo pelo Youtube, o que proporciona uma experiência diferenciada para a audiência, já que é possível uma maior interação entre o público e os apresentadores do podcast. De acordo com GONÇALVES (2023), uma maneira de se ter um programa de sucesso é contar com bons entrevistados, como jogadores e ex-jogadores, dirigentes e técnicos, por exemplo, que poderão revelar histórias que não são de conhecimento geral.

---

<sup>5</sup> Ranking dos podcasts de esportes mais ouvidos no Spotify Brasil. Acesso em: 14 de agosto de 2023. Link de acesso: <https://chartable.com/charts/spotify/brazil-sports-recreation>

<sup>6</sup> Cazé TV atinge um milhão de pessoas no YouTube e bate recorde mundial de audiência. Acesso em: 14 de agosto de 2023: Link de acesso: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/caze-tv-atinge-marca-de-um-milhao-de-pessoas-no-youtube-e-bate-recorde-mundial-de-audiencia.html>

---

Pensando em trazer à tona histórias que não ganham a devida visibilidade, foi criado o Entrelinhas, um podcast sobre as vivências de mulheres que têm suas vidas atreladas ao futebol. Esse podcast foi dividido em quatro episódios e em cada um deles, uma perspectiva é abordada. As personagens escolhidas foram duas jogadoras de futebol, uma árbitra, uma jornalista esportiva e uma torcedora. A partir das declarações delas foi possível ir mais a fundo em cada detalhe e buscar outros acontecimentos da história do futebol e da história feminina com esse esporte, e assim mostrar as dificuldades e alegrias vividas.

Os episódios foram construídos tendo as histórias das entrevistadas como base. A partir da seleção das falas de cada uma, buscou-se colocá-las em contexto com acontecimentos reais do futebol e relacioná-las com relatos de outras mulheres que viveram situações semelhantes. O primeiro episódio, intitulado “A mulher jogadora”, traz as experiências das irmãs Gabriela e Isabela Martins, que jogam futebol desde pequenas. Esse é o único episódio que conta com a participação de duas entrevistadas. As irmãs contam suas histórias de infância e destacam o quão importante o apoio familiar foi para que elas não desistissem do esporte. Com esse gancho, abordamos a história de duas garotas, que ganharam as manchetes do país em 2022, para demonstrar mais exemplos de como as atitudes dos adultos podem se tornar diferenciais na vida dessas crianças atletas, tanto para o lado positivo, quanto para o negativo.

A partir de um dos exemplos também foi possível abordarmos sobre a dificuldade enfrentada na busca pela profissionalização das jogadoras. O episódio finaliza com a abordagem da visibilidade recebida em grandes eventos, como as Copas do Mundo, e como estes são mais do que o futebol em si, mas são as mulheres deixando sua marca.

“A mulher árbitra” é o título do segundo episódio, que é desenvolvido a partir das experiências de Luiza Reis, árbitra assistente pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Neste episódio buscamos apresentar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da arbitragem no Brasil, destacando o caminho necessário para alcançar as ligas mais altas da modalidade, como os campeonatos estaduais e nacional “Série A”, e como a maioria dos profissionais não conseguem viver exclusivamente da arbitragem. Também são abordadas as polêmicas que ainda acontecem dentro do futebol nacional e buscamos ilustrar como as mulheres árbitras recebem um tratamento diferente, mais rígido quando ocorrem falhas, pelo simples fato de serem mulheres. Para isso, são trazidos exemplos como o da ex-árbitra assistente Fernanda Colombo e da árbitra principal Edna Alves.

---

Para o terceiro episódio tentamos fazer uma analogia sobre como o jornalismo esportivo não tem suas portas abertas às mulheres. A partir dos relatos da jornalista Emanuelle Ribeiro, setorista do Vasco da Gama, pode-se compreender a difícil rotina dos profissionais que cobrem o futebol e como ser mulher nesse ambiente faz com que tudo seja mais complicado. Intitulado de “A mulher jornalista”, neste episódio temos demonstrações de impedimento do trabalho da jornalista, em diferentes situações, além de abordarmos a temática sensível dos assédios sofridos pelas profissionais.

O quarto e último episódio, “A mulher torcedora”, traz as histórias da gremista Isabela de Mello. Esta última parte do programa se inicia com a definição do termo “torcida”, que pode ter surgido a partir do grupo de mulheres que ia aos jogos na década de 1920. A partir da fala da entrevistada sobre como sua vida dentro do mundo futebolístico começou, foi possível relembrar como as mulheres eram consideradas meras incentivadoras dos homens, figuras puramente ornamentais nas arquibancadas, e mostrar, a partir de dois exemplos, como as mulheres são parte importantíssima das torcidas. Porém não deixamos de lado os apontamentos sobre problemáticas que ocorrem nas torcidas, como atos de violência e diversos tipos de assédio. Concluímos, então, o episódio e o podcast constatando que o mundo em que vivemos não é receptivo às mulheres, mas que isso nunca foi impedimento para a luta contra o machismo, e que elas se fazerem presentes em ambientes como o futebol é essencial para mudar essa realidade.

Os episódios foram publicados na Rádio Universitária FM, em Viçosa, dentro do programa esportivo Na Área. O Entrelinhas está disponível no *Spotify*<sup>7</sup> e no *Youtube*<sup>8</sup>. Apenas o terceiro episódio não está disponível, por solicitação da entrevistada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de entrevistar, seja para qualquer mídia, tem na sua essência um desafio. Do lado do entrevistado está o esforço em construir uma narrativa sobre si, de se posicionar diante a presença desconfortável do outro, da tela, do gravador. O confronto com aquilo que talvez não queira responder. Já nós que entrevistamos o desafio estaria em produzir as melhores condições para a interação, preparando a pesquisa e desenvolver questões, tentando saber lidar com os possíveis embates que podem surgir.

---

<sup>7</sup> Link de acesso ao podcast no *Spotify*:

<https://open.spotify.com/show/6PnXkdstt3PmZz8pdRTiKY?si=25398c193dc94216>

<sup>8</sup> Link de acesso ao podcast no *Youtube*: <https://www.youtube.com/@Entrelinhas.Podcast/>

---

Os estudos no campo da Comunicação sempre dialogaram com outras disciplinas, trabalhando conceitos como tempo, historicidade, temporalidade, memória e história oral de vida. O podcast Entrelinhas explorou algumas possibilidades desse diálogo.

Levantar história de vida é produzir história oral de pessoas, um assunto com peculiar proximidade com o Jornalismo. Buscamos com o podcast focar na entrevista, mas também organizar os episódios que pretendem apresentar memórias e identidades das mulheres que fizeram parte da experiência masculina específica do futebol.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, J.C.V. dos Misoginia como retórica política: o caso do movimento antissufragio. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 401–421, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.53123. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53123>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ARAÚJO, Érika A. de; VENTURA, Mauro de S. V. Misoginia no Futebol Feminino: Retratos Históricos no Jornalismo Esportivo. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual**. 4 a 9/10/2021.

ASSIS, P. de O Imaginário do Rádio e o Podcast. *Comunicologia* - **Revista de Comunicação da UCB**, v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.

BOSCH, Esperanza; FERRER, Victoria A.; GILI, Margarita. *Historia de la misoginia*. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 1999.

GONÇALVES, Matheus Cuba. O CRESCIMENTO DAS MÍDIAS INDEPENDENTES NO FUTEBOL BRASILEIRO. 2023. 70 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário Ibmr, Rio de Janeiro, 2023.

MEDEIROS, Marcelo Santos de. *Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro*. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Uerj. 5 a 9 de setembro de 2005.

OLIVEIRA, A. P.; OLIVEIRA, N. L. DE. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 402-424, 1 ago. 2017.

SCHMITZ FILHO, A. G.; VALDUGA, C. **O UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE RECORTES MIDIÁTICOS**. 2013. 31 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-Graduação em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde, Área de Concentração em Cenários Esportivos na Mídia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2013.